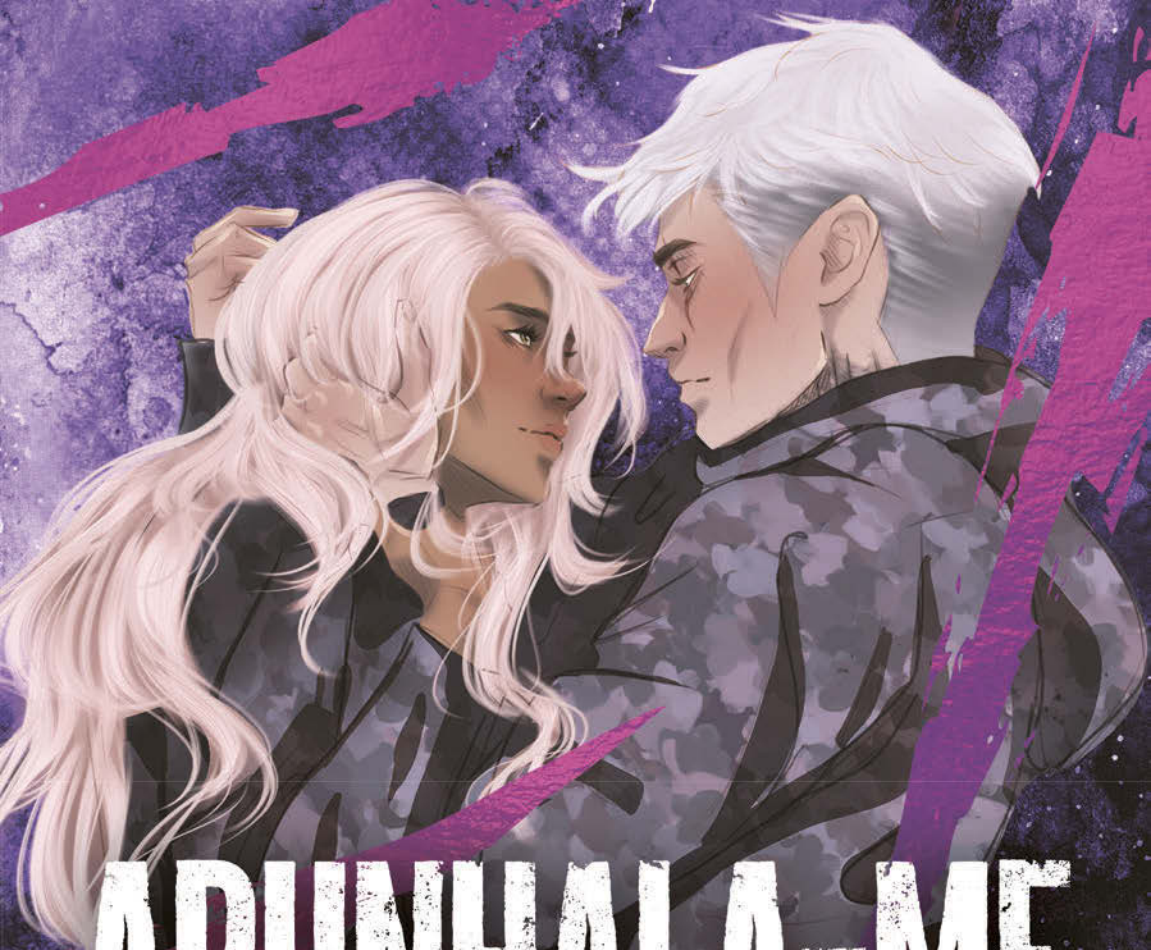


QUEM ÉS TU, AFINAL?



APUNHALA-ME PELAS COSTAS

TOP
SEL
LER

K.M. MORONOVA

*Para quem tem um fraquinho
por almas feridas.*

PLAYLIST

«Dear Agony», Breaking Benjamin

«Dark on Me», Starset

«Taking Over Me», Evanescence

«Tourniquet», Evanescence

«Bring Me Mo Life», Evanescence

«Broken», Seether & Amy Lee
dos Evanescence

«Legends Never Die», League
of Legends, feat. Against The
Current

«Human», Christina Perry

«Teeth», 5 Seconds of Summer

«Never Let Me Go», Florence &
The Machine

«Revenge», XXXTENTACION

AVISO DE CONTEÚDO

O conteúdo deste livro pode ser perturbador e inquietante para alguns leitores. É um romance militar sombrio que tem lugar num cenário fictício. As Dark Forces são um grupo de operações clandestinas que criei e que não representa de modo algum quaisquer operações militares reais. Os locais/bases específicos são fictícios, mas baseados em cenários do mundo real.

Se forem sensíveis ou algum dos temas seguintes vos causar incómodo, por favor, não leiam este livro.

Este livro inclui os seguintes temas: violência física, cenas de sexo explícito, humor negro, derramamento de sangue explícito, morte, linguagem explícita, comportamento sexista, traumas de guerra, descrição de missões militares, transtorno de stress pós-traumático, homicídio, personagens mentalmente instáveis, automutilação, consumo de substâncias pesadas, abuso forçado de substâncias, abuso de cadáveres.

PRÓLOGO

DESCONHECIDO

— Que merda queres tu dizer com «ela não se lembra de quem é»?
— pergunto, cerrando os dedos em torno do telemóvel. Raramente me irrita com o que quer que seja, mas isto não fazia parte do meu plano. Isto nem do plano B constava.

— Foi tudo o que consegui saber, senhor... Precisa de mais alguma coisa?

Fico calado um instante.

— Não. Obrigado pela atualização, Jayce.

Desligo e certifico-me de que apago o número do telemóvel descartável do Jayce, não se dê o caso de alguém deitar a mão ao meu.

Tamborilo os dedos furiosamente sobre o banco de metal por baixo de mim. Permito-me observar todos os elementos do meu esquadrão enquanto estes executam os seus exercícios matinais. Há algum tempo que não nos é atribuída qualquer missão. Também tenho estado ocupado com outros assuntos, o que torna essencial a minha presença aqui pelo menos durante algumas semanas. Se não fosse isso, eu próprio avaliaria a situação da Emery.

Sinto um músculo do queixo a ficar tenso enquanto penso no que posso fazer para isto resultar.

Que maldita confusão. Solto um gemido e passo a mão pelo rosto.

Ainda assim, acho que podia ter sido pior. Podia tê-la perdido por completo, o que faria com que tudo fosse descoberto. Pelo menos, existe a possibilidade de ela recuperar a memória.

Medito sobre o assunto, reclinando-me na cadeira e inspirando profundamente. *Sim, isto é capaz de resultar.* Ela tem o Mori, e por mais que eu não quisesse correr o risco de ele a matar, sabia que se apaixonaria por ela. Ele fará com que a memória dela acabe por voltar, de uma maneira ou de outra. A química que existe entre os dois é tangível, e não serão capazes de se largar um ao outro.

Tsk. Claro que aquele que mata todos os seus parceiros acabou por estragar tudo. Não podia ter sido enviado para cumprir o castigo de um mês em pior altura, coincidindo precisamente com o momento em que a Emery foi trazida para as Dark Forces.

Obstáculos atrás de obstáculos. Cerro os dentes.

Não faz mal. Sou um homem paciente.

Tudo para chegar mais perto dos malditos comprimidos do Nolan. O general guarda-os a sete chaves, e os frascos que o Mori deita fora estão sempre vazios. Terei de reajustar algumas coisas, mas talvez consiga convencer o Nolan a dar a medicação diretamente à Emery. À doce e ingénua Emery. Há algo em mim que sente genuína pena dela.

É verdade que me importo realmente, mas tudo tem um preço. E sempre estive disposto a pagá-lo.

CAPÍTULO 1

CAMERON

Passaram trinta e cinco dias desde que a Emery acordou e proferiu as piores palavras que alguma vez ouvi. *Eu não sei quem és.*

A expressão no olhar dela enquanto me observava como que pela primeira vez foi a coisa mais agonizante por que alguém pode passar. Pelo menos, é o que me parece.

Colhemos o que semeamos. Não é o que diz a merda do ditado?

O que sinto ultrapassa em muito a infelicidade. A agonia que circula nas minhas veias parece ácido sulfúrico. Obrigo-me a resistir a cada dia que passa, com a esperança e o desejo de que ela se lembre de mim... Que se lembre daquilo por que passámos juntos. Mas outra parte de mim deseja que a Emery nunca encontre as peças que compõem a nossa história, as que ficaram no passado. É mais fácil mantê-la segura desta forma.

Nunca mais a quero magoar.

Ainda que isso resulte no meu sofrimento.

Inspiro profundamente o ar quente do inverno típico da Califórnia e recosto-me no banco a ver a Emery a destruir completamente o Gage num treino de luta corpo a corpo.

Os meus olhos fixam-se nela. Está a lutar melhor do que nunca, e tudo graças ao facto de ser a única coisa em que se tem

concentrado ultimamente. São raras as vezes em que a encontro na biblioteca, o que era frequente acontecer no período que antecedeu as Provas do Subterrâneo. Também já não a vejo a ajudar os outros a tratarem dos seus ferimentos quando se magoam nos treinos.

A única coisa que se manteve foi a sua personalidade absurdamente atraente. Temo que ela se tenha tornado mais morbidamente cómica. Atribuo isso ao seu passado trágico esquecido, e é-me quase impossível tentar manter uma expressão estoica na presença dela. Parece-me que desenvolveu mais esse lado por estar sempre com o esquadrão. No entanto, ainda não lhe vi um verdadeiro sorriso no rosto. Pergunto-me se terá aprendido isso com o Gage. De todos nós, ele é o que esconde melhor o seu sorriso falso. Eu não me dou ao trabalho de tentar convencer as pessoas de que sou um idiota embebecido.

Fingir é algo que exige mais esforço do que merece.

Dirijo um olhar carregado à Emery quando os seus olhos se viram na minha direção. Ela estremece, mas rapidamente volta a concentrar-se no combate. Uma dor desconfortável revolve-se no meu peito.

Ninguém me obriga a manter a distância, nem a afastam de mim, mas não posso permitir que volte a acontecer o que se passou durante a última prova. Quanto mais me fechar, mais segura ela estará. Quanto mais deixar que a dor me infete o peito, melhor.

O Thomas pontapeia o caixote que trouxe para usarmos como apoio para os pés e bebe um longo gole do seu cantil. O cheiro a whisky chega até mim antes da gargalhada que ele solta.

— Caramba! A rapariga sabe mesmo dar cabo do canastro a um gajo, não é verdade? — observa. — Ainda não acredito que o Esquadrão Fury agora tem alguém com o cabelo *cor-de-rosa* — murmura pensativamente, inclinando o cantil e ingerindo o resto da bebida.

Olho-o de esguelha antes de fixar de novo o olhar na Emery.

— Eu gosto do cabelo dela — respondo descontraidamente, vendo-a derrubar o Gage com facilidade. Os meus lábios quase se abrem num leve sorriso, mas contendo-me.

O tenente Erik arranhou-lhe um pouco de tinta, para poder retocar as raízes. O Kayden ajudou-a, uma vez que é único que sabe pintar cabelos.

Todos simpatizaram rapidamente com ela. Depois de reverem as imagens das suas competências no Subterrâneo, e da forma irrepreensível como trabalhamos juntos, ficaram muito satisfeitos por receberem no pelotão uma nova camarada que não terá de enfrentar o seu fim às minhas mãos.

Mas isso quase aconteceu. Silêncio a parte da minha mente que mo recorda e morde o interior da bochecha.

O Thomas resmunga quando se levanta, enfiando as mãos nos bolsos do casaco de couro castanho e dando-me um toque na bota.

— Pois, imagino que sim, Mori. Foi por isso que quase lhe acabaste com a vida?

Não é segredo. Por mais que eu deseje que fosse. Todos no esquadrão sabem. É pena que seja efetivamente merecedor da vergonha que sinto diante deles, uma vez que já matei três dos nossos outros camaradas. A sobrevivência dela é encarada como digna de celebração. Quem me dera que me expusessem mais ao ridículo, como fizeram em tempos.

Na altura, sentia-me mais integrado. Como se ainda fosse uma pessoa, ao invés de uma arma que só serve para seguir ordens.

Dirijo-lhe um olhar fulminante, ao qual ele responde com um sorriso inocente. O Thomas é, facilmente, o maior idiota do meu esquadrão. Com aquele *mullet* castanho-claro e os olhos tresloucados, seria de esperar que lhe limpassem rapidamente o sebo no terreno, mas é um dos melhores sinalizadores com quem já trabalhei.

O melhor a fazer é simplesmente ignorá-lo. Ele adora irritar-me, portanto, quanto mais reajo, mais ele repete a gracinha. Inspiro profundamente e levanto-me quando o Gage e a Emery

terminam a sessão de luta. O meu camarada está preso no aperto dela e bate-lhe no braço repetidas vezes. Tem as faces vermelhas.

Por um instante, pergunto-me se o irá largar ou não. O olhar dela volta-se de novo para o meu, desta vez mais frio. Sinto arrepios nos braços. Cerro os dentes e reprimo todas as emoções que anseio deixá-la ver. Porque é que continua a dirigir-me olhares de tanta curiosidade? O que será preciso para a fazer parar? Cerro os punhos.

Para o bem dela, é isto que tenho de ser.

— É a minha vez — resmungo, abrindo o blusão tático e deixando-o cair no chão, atrás de mim.

CAPÍTULO 2

EMERY

Mori. Se ele tem outro nome, eu desconheço.

Credo, este tipo provoca-me arrepios. O olhar dele seria o suficiente para derrubar uma montanha, mas, no entanto, há algo de tão temível nele que as suas feições únicas e atraentes se tornam ainda mais curiosas.

Demoro o olhar nos seus músculos enquanto ele despe o casaco. Por baixo tem apenas uma t-shirt preta e justa, que deixa à mostra várias das suas tatuagens. Por alguma razão, não consigo deixar de pensar na tatuagem que tem no peito a cobrir uma cicatriz. Até sonhei com isso.

O general Nolan disse que não é invulgar sonharmos com as coisas que mais receamos. Na verdade, ele teve de me tranquilizar muitas vezes por causa dos meus pesadelos recorrentes noite após noite. Não restam dúvidas de que o Mori não é alguém de quem eu queira ser próxima, mas isso não explica o porquê de os sonhos que tenho com ele serem tão detalhados.

Está sempre a observar-me como se eu não fosse de confiança. Como se a minha mera existência lhe provocasse um grande incômodo. A sua falta de expressão quando olha para mim deixa-me desconfortável.

A única vez em que lhe vi um fragmento de emoção foi quando acordei, depois das provas. O tormento e a culpa que o consumiam eram imensos. Depois, passados alguns dias, quando recebi alta médica, tornou-se frio como pedra e passou a agir como se não soubesse quase nada sobre mim.

É aterrador não me lembrar de nada a meu respeito nem sobre o que fazia. Ainda mais quando existe alguém como ele que se recusa a falar comigo sobre o assunto. Rapidamente percebi que o Mori iria ser um problema para mim. Não só porque me sinto atraída por ele como uma traça pela luz, mas também por ele ser perigoso.

Pelo que me disseram, salvou-me depois de eu ter acabado com o meu adversário na terceira prova, tendo-me carregado de volta ao bunker. Sei que devia sentir-me grata, mas algo dentro de mim deseja que eu tivesse morrido nesse dia. É uma sensação que me invade até à medula, como um sonho aterrador que me chama de longe.

Sou uma antiga criminosa transformada em soldado das forças secretas. Não é exatamente a coisa mais fácil de aceitarmos a nosso respeito depois de perdermos todas as memórias. Sinto-me como se fosse uma peça de xadrez em movimento, sem propósito e sem destino. O meu corpo tornou-se uma ferramenta usada apenas para matar, coisa em que aparentemente sou bastante boa.

Ainda assim, não me conheço. Nem sei se alguma vez conhecerei.

O Mori enfia as mãos nos bolsos das calças e olha para mim com indiferença. Faz sempre a mesma coisa, age como se não se sentisse ameaçado por ninguém no ringue. Solto um suspiro de frustração perante tanta arrogância. Ele ergue uma sobrancelha e o seu rosto é tomado por um sorriso presunçoso. Não um sorriso de satisfação, mas um sorriso de quem está determinado a dar cabo de mim.

Quando não me ignora, atormenta-me. Contorno-o lentamente. Tentar um ataque frontal nunca resulta, pelo que me ocorreram algumas coisas diferentes que posso experimentar. O Mori

dá um passo em frente e fecha os olhos como se já estivesse aborrecido de morte. Cerro as mãos envoltas em ligaduras e ataco quando chego junto dele.

Uma vez que todos têm o dobro do meu tamanho, costume desferir um golpe por baixo, apontado às pernas para fazer cair o meu adversário. O Mori sabe disso, e estará à espera de que eu o faça. Detesto que ele pareça conhecer-me tão bem e, no entanto, continue a evitar-me.

Esboço um movimento de varrimento com o pé para dar a sensação de que vou tentar derrubá-lo. Ele reage, levantando a perna e mudando de posição. Quando está prestes a desferir o contragolpe e acertar-me com o pé no peito, como já fez variadas vezes, salto para trás, aproveitando o impulso, e agarro-lhe o pé quando ele o levanta.

Apanhei-te, idiota.

Sorrio quando me dirige um olhar, mas, ao invés da preocupação que esperava, encontro nele apenas astúcia e expectativa. Arquejo quando ele se lança para diante e me agarra pelo pulso, fazendo-nos cair ao chão.

Ele vira-me rapidamente de lado, colando o peito às minhas costas e prendendo-me com uma chave de braço. Debato-me e tento libertar-me, mas ele segura-me com força, aumentando a pressão durante todo o tempo que demoro a bater com a mão em sinal de desistência.

Raios o partam. Bato-lhe duas vezes no braço e ele liberta-me.

Inspiro algumas vezes a custo e dirijo-lhe um olhar fulminante enquanto ele se levanta lentamente. O seu olhar frio mantém-se inalterado, como sempre, distante e inabalável. Os meus olhos demoram-se na cicatriz vertical que tem sobre o olho esquerdo. Repara que observo as suas feições e responde com uma careta antes de passar os dedos pelas encantadoras madeixas brancas e regressar para junto dos outros dois sem me dirigir uma palavra.

Idiota. Deito fora o ar que tenho nos pulmões e inspiro fundo para me acalmar.

Em parte, desejava que ele falasse mais comigo, que me desse mais conselhos, *qualquer coisa*.

— Isso foi patético — observa por cima do ombro. Sinto um fogo a percorrer-me a espinha.

Bem, que se lixe. O Mori bem pode comer merda.

Seria agradável podermos ter uma conversa civilizada, sem o Mori tentar irritar-me. Tenho vontade de o conhecer melhor, apesar de ele insistir em manter a distância. Ele de certeza sabe *alguma coisa* sobre quem eu sou.

Os meus olhos fixam-se por breves instantes nos músculos dos seus ombros, que se fletem quando estica os braços acima da cabeça. Obrigo-me a desviar o olhar e censuro-me por desejar entregar-me a alguém como ele.

O Gage aproxima-se de modo casual e dá-me uma palmada no ombro.

— Não sabe muito bem estar preso numa chave de braço, pois não, Morphine? — provoca-me. O cabelo cor de areia é curto e liso, mesmo encharcado em suor, como agora.

Reviro os olhos quando ele me dá uma palmadinha no braço e me puxa contra o peito. É tão alto como o Mori, o que significa que é gigantesco. São todos, mas o Gage e o Mori são os soldados mais altos do nosso esquadrão.

— Como queiras. Não estamos a ficar atrasados para voltarmos para o briefing? — respondo, afastando-o. O Gage esboça um sorriso trocista e olha para o Thomas, que já pegou nos blusões que deixámos de parte para os atirar na nossa direção. Apanho o meu mesmo a tempo de não me acertar na cara.

— Sim, é melhor despacharmo-nos, se não quisermos passar a noite a fazer flexões — confirma o Gage, esfregando a nuca durante um bocejo.

— O tenente Erik é mais do tipo de nos obriga a passar a vida a fazer jogging, não te parece? — murmuro. O nosso líder de esquadrão é mais implacável do que os outros, mas considero isso um bom sinal. Significa que se preocupa connosco. É isso que eu acho,

pelo menos. O Gage e o Kayden gostam de se queixar de que eles nos faz sofrer só porque o irritamos.

Sei que o Mori respeita muito o Erik, o que faz com que eu também o respeite. Procura constantemente obter a aprovação do nosso tenente. Percebo isso pela forma como se esforça mais do que todos nós, e só sente algum consolo quando o Erik o elogia. O Gage disse-me que a única coisa que lhe importa neste mundo é subir de patente e chegar a sargento.

Sigo atrás do Thomas e do Mori quando os dois nos conduzem de volta à caserna. Tenho sempre a cabeça noutra lugar quando atravessamos a base da Califórnia. É muito idêntica à do Alasca, mas maior em todos os sentidos e dez vezes mais quente. O que é uma dádiva divina para as minhas articulações.

Trata-se do principal centro das Dark Forces, à exceção do Esquadrão Riøt. Esse opera algures na costa oriental, pelo que ouvi dizer. Tanto quanto sei, os seus elementos não se dão bem com os outros porque dão caça àqueles de nós que saem da linha. E não apenas aos nossos, mas também aos soldados lá de cima. A especialidade deles é acabar com os traidores.

Como tal, mantêm-se afastados. A maioria de nós nem sequer faz ideia das suas aparências. E parece que isso é intencional. Ninguém sabe quem eles são até ser tarde demais.

Os restantes esquadrões, o Fury, o Warsaw e o Malum, estão estacionados aqui, na Califórnia. Quem me dera conseguir dizer se há rostos que me são familiares, do tempo que passei no Subterrâneo, mas não há ninguém que se destaque.

Cumprimento alguns fuzileiros navais com um breve aceno de cabeça quando nos dirigimos para as casernas de nível inferior. Eles seguem-me com o olhar, o que me arrepiou os pelos da nuca. Adoraria espetar-lhes um murro na tromba, mas não quero meter-me em sarilhos... *outra vez*.

— Ei, seus cabrões, o que é que vos torna tão especiais a ponto de ela poder ter o cabelo cor-de-rosa? — atira um deles. — E este parvalhão pode ter tatuagens até ao queixo?

Bom, não podemos exatamente responder «É porque somos criminosos hediondos e podemos ter a aparência que quisermos», pois não?

Cerro os dentes e continuo em frente, mas o Mori detém-se abruptamente e dá meia-volta. Esbarro contra o seu peito, o que me faz arquejar antes de recuar. Os seus gélidos olhos cor de sálvia detém-se em mim apenas por um instante, antes de ele pestanejar e fixar o olhar nos homens atrás de nós.

Por algum motivo, os soldados das Dark Forces não devem interagir com os soldados «lá de cima». Muito menos para lutar.

— Venham cá, que eu já vos mostro o que nos torna especiais — responde o Mori, com um sorriso de esguelha. É dolorosamente fácil perceber quando está a ter um mau dia, porque é muito mais provável que tente envolver-se em lutas com os outros. No entanto, a agressão costuma ser partilhada com o Thomas. Passei grande parte do tempo da minha primeira semana a ver os dois lutarem até haver sangue derramado, ou até o Kayden e o Gage os separarem. Ao que se seguiam noites de jogging como castigo para todo o esquadrão.

Sei que as consequências serão muito mais severas se a luta for com alguém de fora da nossa divisão.

Os homens franzem o sobrolho como se estivessem seriamente a considerar a hipótese de se aproximarem e de o porem à prova.

— Que diabo estás tu a fazer? — murmura o Thomas quase num sopro.

— Ele está no gozo — diz o Gage, com a sua charmosa gargalhada falsa, enquanto empurra o Mori para seguir em frente.

O Mori não se move nem um centímetro. Olha para mim e deve aperceber-se da impaciência no meu olhar, porque solta um suspiro e acaba por ceder. O Thomas lança-lhe um olhar de aviso que é completamente ignorado.

— Vais meter o esquadrão todo em sarilhos — resmungo, quando ele toma o lugar ao meu lado antes de retomarmos a

caminhada pelos corredores. O Mori grunhe em jeito de resposta, mal me dirigindo mais do que um olhar de esguelha.

O Thomas assume o comando na ausência do Erik. É razoável na maior parte das vezes, mas é implacável no que toca à observação das regras. Não há dúvida de que é o elemento mais inteligente e organizado do nosso esquadrão. O seu *mullet* sugere que tem sentido de humor, o que é verdade, mas o olhar é tão indiferente como o do Mori. Sobreviveram mais tempo do que quaisquer outros no Esquadrão Fury. Nem consigo imaginar o que terão visto. Não consigo imaginar sequer *o que eu vi* e simplesmente esqueci. Seria o meu olhar tão frio quanto o deles? Ter-se-ia o meu coração transformado em gelo?

— O Kayden vai ficar furioso se formos parar ao buraco por tua causa, como no ano passado — observa o Gage, numa voz sem qualquer resquício do seu habitual encanto.

Ergo o sobrolho.

— O *buraco*? — pergunto. É a primeira vez que ouço falar em tal coisa.

— Acredita — responde o Gage à minha frente, rindo entre dentes —, é exatamente como soa. E o tenente obriga-nos a ficar lá sentados um dia inteiro.

Franzo o cenho, incapaz de perceber em que mundo é que isso seria divertido.

— Eu diria que é mais fundo do que soa — acrescenta o Thomas com um encolher de ombros, também ele a sorrir.

O Mori mantém a expressão carregada e não se dá ao trabalho de responder a nenhum de nós. Dou-lhe uma cotovelada no flanco para ver se reage, mas tudo o que isso me vale é um olhar vazio. Não tenho muito jeito para fazer amigos. Observei os meus camaradas de esquadrão interagirem e meterem-se uns com os outros, mas, por mais que tente, o Mori mantém-se impassível em relação a mim.

O que só me atrai mais para ele, desesperada por compreendê-lo a um nível mais profundo. O facto de ele ser tão atraente não

ajuda. Os olhos parecem uma floresta de sálvia, os lábios visivelmente mordidos e uma cicatriz sobre o olho esquerdo que pede para ser acariciada.

Quero saber tudo sobre ele. Há algo no seu íntimo que me atrai a atenção.

Infelizmente, estamos a ficar sem tempo para nos conhecermos. O Mori é o meu parceiro, e na próxima semana partimos na nossa primeira missão. Calculo que seja esse o tema do nosso briefing da manhã.

Nada é propriamente rápido nas Dark Forces. E planeamento e execução de missões decididamente não se enquadram nessa categoria. Para nós, segurança e estratégia estão acima de tudo.

Isso e nunca desobedecer às ordens recebidas pelo nosso comandante, independentemente das circunstâncias. Somos dispensáveis, alguns mais do que outros. E embora eu não me lembre de nada sobre quem sou, sei que sou dispensável.

Ou seja, desobedecer a uma ordem faz com que acabemos numa lista do Riøt. Ou pior, pois eu sei que o Mori já matou camaradas de esquadrão. Não me surpreenderia se recebesse ordens para acabar com outros sob o disfarce da sua loucura. No entanto, não tenho a certeza do que um soldado precisa de fazer para ir parar essa lista. Não é algo sobre o qual todos conversem, e o Mori brinda-me com um olhar que me faz sentir no meu leito de morte assim que tento falar com ele sobre algo tão singelo como o estado do tempo. Ainda nem pensei numa maneira de trazer à baila algo tão complexo como as políticas das Dark Forces.

Descemos dois lanços de escadas antes de chegarmos a uma porta com um cadeado digital. O Thomas digita um código e espera que entremos antes de tomar a retaguarda. O código é apenas do conhecimento dos líderes de esquadrão e dos que lhe seguem na hierarquia. É a única vez em que temos autorização para subir ao mundo real. Com supervisão, muito ao estilo de uma prisão.

Quem me dera lembrar-me do que era a minha vida antes desta.

A vista do barco que apanhámos do Alasca para a Califórnia era constituída principalmente pelo vasto oceano e por linhas de costa. Lembro-me das paisagens e até das cidades. Mas parece que me falta qualquer coisa para perceber onde me encaixo em tudo isso. De onde vim? Parece que todas as memórias desapareceram e não sei se alguma vez as voltarei a encontrar. Teria eu uma família? O que fiz de tão hediondo para vir parar aqui? Sei que tenho as mãos manchadas de sangue, só não sei até que ponto estão sujas. No entanto, é possível ter uma ideia fundamentada, tendo em conta onde me encontro.

Deitada no meu beliche, inspiro profundamente e fecho os olhos enquanto esperamos pelo tenente.

O Kayden foi o único que decidiu não fazer os exercícios da manhã. A verdade é que ele é mais um lobo solitário. O som de metal a estalar e a deslizar faz-me olhar para o beliche dele, defronte do meu. Todos os dias, ele desmonta a sua espingarda MK 17. É o seu único hábito.

Do mesmo modo que o do Thomas é dobrar as mudas de roupa até ficarem perfeitas, e o do Gage é passar os dedos pelas bainhas das suas camisolas.

O Mori gosta de ler quando pode. Espreitei todos os seus livros mais vezes do que gosto de admitir. Porque é que alguém como ele passa o tempo a ler? Parece ser mais do tipo consumidor de manuais de armamento, mas a maneira como usa um lápis antigo para tomar notas nas margens das páginas transmite a ideia de que talvez seja mais uma espécie de poeta.

Agora que tenho uma noção perfeita dos seus horários, tenciono pedir-lhe emprestado um dos seus livros, para perceber o que lhe rouba a atenção. Talvez deste modo possa ficar a saber mais sobre ele.

Céus, o Mori ficaria absolutamente horrorizado se soubesse que o quero conhecer melhor.

— Mexe-me esses pezinhos — ordena o Gage, batendo nas solas das minhas botas, fazendo-me pôr os pés em cima da cama

para desobstruir o seu caminho enquanto ele abre a mesinha de cabeceira.

— Os pés dela são uns cinco centímetros mais pequenos do que os meus — observa o Kayden, revirando os olhos.

O Gage ri-se entre dentes, como que querendo provar alguma coisa.

Fico satisfeita por haver uma pessoa no esquadrão que é apenas alguns centímetros mais alta do que eu, tendo em conta que, em comparação, todos os outros são titãs. O Kayden é um tipo normal de cabelo castanho e pele tom de oliva que esperamos encontrar lá em cima, junto dos soldados bons. O seu olhar não transmite a frieza que está presente nos olhos da maioria dos outros.

Apodera-se de mim a distinta sensação de estar a ser observada. A minha atenção vira-se para a parede atrás de mim, à qual o Mori está encostado, com um braço sobre o peito e um livro na outra mão. Não desvia o olhar quando os nossos olhos se encontram por cima do romance em que segura, mas os músculos do seu maxilar estremececem.

Porque é que ele gosta tão pouco de mim? Não consigo imaginar-me a ter-lhe feito algo particularmente horrível no passado. Sobre-tudo porque ele é aterrador e eu não teria qualquer hipótese num combate corpo a corpo contra ele. Será que o tentei envenenar? *Não, isso é ridículo.* Cerro os lábios numa linha e volto a fechar os olhos.

Talvez o deva confrontar a esse respeito.

Passam-se alguns minutos antes de o tenente Erik bater na ombreira da porta.

— Meus senhores... e Morphine — começa, olhando intencionalmente para mim —, dirijam-se para a sala de guerra. O general Nolan e o capitão Hans Bridger vão estar presentes, pelo que quero que demonstrem o vosso melhor comportamento. — O olhar do Erik fixa-se no Mori. *Não é de admirar, penso para comigo.*

— Não somos crianças — resmungo o Kayden.

O capitão Bridger vai estar presente? Ouvi algumas coisas sobre ele através de uns soldados do Malum, na casa de banho

comum. Desde que chegámos a esta base, não tem havido muito que fazer a não ser recuperar, pelo que tenho passado a maior parte do meu tempo a perceber onde me encontro e quem estou a servir. Os outros esquadrões têm sido uma ótima fonte de conhecimento para mim quando estão pela base, o que, a bem dizer, é raro. Parecem estar em constante rotação de saída.

O capitão é basicamente o superior direto do Nolan, mas o assunto deve ser bastante importante, para ser o próprio Bridger a dar-nos o briefing. Remexo-me sem conseguir conter a inquietação.

Só o Mori enfrenta o olhar do Nolan sem qualquer espécie de reconhecimento da sua posição.

— Tens a certeza? Toca a andar — murmura o tenente com uma expressão severa, encarando-nos um a um. Dá meia-volta e conduz-nos para fora da caserna e, em seguida, para um piso mais abaixo.

A sala de guerra das Dark Forces está totalmente às escuras. O centro da sala é ocupado por uma enorme mesa de conferências, com muitas cadeiras de couro preto alinhadas a toda a volta. O nosso pequeno esquadrão mal enche este espaço.

Quase parece que a sala foi projetada assim para o caso de todos os esquadrões serem necessários em simultâneo para uma reunião de crise. Coisa que, tanto quanto sei, ainda não aconteceu, mas pergunto-me durante quanto tempo isso continuará a ser verdade.

Sento-me no lugar ao lado do Gage. O Mori, o Thomas e o Kayden sentam-se do lado oposto da mesa, enquanto o Erik se senta perto da cabeceira.

Não temos de esperar muito até dois homens entrarem. Reconheço imediatamente um deles como sendo o Nolan, com o seu cabelo e olhos castanho-claros. Ainda não vi este homem sorrir, e algo me diz que é completamente incapaz de o fazer. Talvez estivesse na mesma situação que eu quando começou. Pergunto-me qual será a sua história.

Agora que penso nisso, não estou certa de *ter sorrido* realmente desde que acordei. *Hipócrita*, censuro-me. Estar junto dos outros

elementos do esquadrão mostrou-me como as pessoas muito destruídas se voltam para o humor. Como é grande o desejo que cresce dentro de nós de fazer os outros sorrir. E mesmo esses sorrisos costumam ser forçados. Faria qualquer coisa para ver o Mori sorrir. Os meus olhos voltam-se instintivamente para ele antes de me concentrar de novo em olhar em frente.

O segundo homem tem cabelo cinzento, penteado para trás com gel, e os olhos mais negros que já vi. Tem uma cicatriz de um dos lados do nariz torto. Coxeia levemente quando caminha, provavelmente devido a algum ferimento. *Capitão Bridger*. Terá também ele sido um soldado das Dark Forces, em tempos? Ainda não descobri como tudo isto funciona, mas tenho vontade de aprender mais. Não gosto de estar às escuras relativamente a coisas sobre as quais quase não tenho controlo. Tendo em conta que estou às escuras sobre todos os outros aspetos da minha vida.

— Capitão, é uma honra tê-lo aqui hoje — diz o Erik, levantando-se e fazendo continência ao capitão Bridger.

O Bridger faz um gesto desdenhoso com a mão e coloca-se à cabeceira da mesa, enquanto o Nolan se senta diante do Erik.

— Tenente, é sempre um gosto vê-lo — começa o capitão, depois de aclarar a garganta. — Parece que conseguiu meter o Mori no lugar. — Os seus olhos avaliam a postura descuidada do soldado antes de se voltarem relaxadamente para mim. — E esta deve ser a nova recruta, que domou o mencionado animal. Morphine, correto?

Baixo o queixo num lento aceno afirmativo, relutante em dirigir palavras a este homem. O seu olhar é pesado. Analítico. Estou certa de que esconde alguns dos segredos mais obscuros de sempre. Comparado com tudo aquilo que sabemos enquanto soldados de uma força secreta, ele sabe cinco vezes mais e com mais detalhes.

Pelo que percebi desde que acordei, o mundo é um lugar verdadeiramente sombrio e terrível. E não digo isso só porque o Gage me fez ver todos aqueles malditos filmes de guerra. Aprendi isso à

custa de ouvir as merdas hediondas que se espera que os soldados das Dark Forces façam. Matar. Não fazer perguntas. Matar.

Dou ouvidos àquele instinto bem no fundo de mim que me diz que nem tudo é o que parece. *Tem cuidado*. Quanto mais tempo passares a olhar para lá da superfície, mais facilmente reconheces a quantidade de monstros que há à tua volta. Pior ainda, dentro de ti. Uma pessoa pode chegar a ter cinco caras. *Qual delas os denunciará?*, pergunto-me.

— Bom trabalho. Sendo assim, passemos ao assunto que nos traz aqui. Esquadrão Fury, temos uma missão de nível negro em que irão acabar com toda uma operação de produtos ilegais que estão a ser distribuídos a nível mundial. Esta é uma missão em duas partes. A primeira consiste no reconhecimento e recolha de informações sobre o seu esconderijo, localizado na Grande Bacia, sendo a segunda a execução da operação assim que tivermos todos os bens na nossa posse.

A voz do Bridger soa grave. Sinto um aperto no coração ao ouvir a palavra *execução*.

O que foi aquilo? Cerro as mãos sobre os joelhos, sem querer esboçar qualquer expressão que chame a atenção diante do capitão. *Pareceu-me familiar*.

— A boa notícia é que vão para um lugar quente. A má é que o artigo que foram encarregues de localizar e recuperar é pequeno e será lixado de trazer — continua sombriamente, antes de estalar os dedos.

As portas duplas da sala, de mogno preto, abrem-se para deixar entrar uma mulher. Tem o cabelo cor de bronze apanhado num rabo de cavalo, e o batom em tons de cereja condiz com a sua pele tom de oliva de uma forma magnífica. Usa óculos com uma grande armação vermelha e traz um pequeno teclado digital na mão direita. O fato azul-marinho que tem vestido dá-lhe um aspeto importante. É evidente que não é um soldado, como nós.

Ela entra e para junto à cabeceira da mesa mais próxima das portas duplas. O capitão Bridger aponta para ela e anuncia:

— Esta é a Mikah. É a melhor pirata informática das Dark Forces, e o vosso objetivo principal será escoltá-la em segurança à sala de dados. As trancas da porta são impenetráveis sem ser por meio de abertura manual através da introdução do código de cancelamento. A Mikah tem a capacidade de piratear qualquer sistema de segurança do mundo e desativar uma instalação completa em questão de minutos, mas precisa de tempo para o fazer. Contamos com o Esquadrão Fury para a manter segura enquanto desativa as portas para poder recuperar a *pen*.

O Thomas olha para o Erik com os olhos arregalados.

— Estão a falar a sério? — atira. — Uma missão de escolta de nível negro é suicídio... *mais* do que as missões de alto risco que costumamos levar a cabo. Como esperam que entremos sem sermos detetados e lhe demos guarda por *minutos*? É o equivalente à merda de uma hora de combate ativo — remata, levantando-se e batendo com as mãos na mesa. Estremeço perante o movimento. Ele costuma ser tão calmo que me surpreende esta explosão.

Os lábios do tenente Erik cerram-se numa linha fina enquanto dirige um olhar altivo ao Thomas.

— É por isso que vamos enviar o Esquadrão Fury — responde. — Os nossos oficiais superiores sabem que conseguimos fazê-lo...

Não ouço o que ele diz durante alguns segundos graças ao pontapé na canela que o Mori me dá por baixo da mesa. Os meus olhos voltam-se para ele, e as minha bochechas ardem com a mesma raiva que ali encontro.

O que é?, pergunto com o olhar, franzindo o cenho para enfatizar que não aprecio o seu sentido de oportunidade.

O Mori abre a boca apenas o suficiente para que o intervalo entre os lábios dele me faça acelerar a pulsação, e em seguida inclina-se para a frente, apoia-se na mão e fecha a boca de repente. *Fecha-me essa boca*, diz a firmeza do seu olhar.

Fecho-a de imediato. Só então me apercebo de que tinha a boca aberta por causa da merda de missão que acabaram de nos atribuir.

Dirijo um olhar fulminante ao Mori e ele pisca-me o olho com a cicatriz. Aquilo era uma brincadeira? Ele nem sequer sorriu, mas há algo no seu olhar que sugere divertimento.

— Além disso, eu também irei. Não há espaço para erros nesta missão. Só voltamos quando tivermos a *pen* — continua o Erik, num tom severo. A firmeza da sua expressão impede qualquer argumentação.

Os meus olhos percorrem a sala para avaliar como os outros estão a aceitar isto. As suas expressões não são encorajadoras, o que faz com que sinta uma crescente inquietação a dar-me a volta ao estômago.

Por um motivo que me escapa, a ideia de uma missão assim não me faz sentir o mesmo que a eles. Talvez porque não tenho nada a que me agarrar. Não tenho um passado, bagagem, ninguém em quem pensar com carinho.

Na verdade, não é muito diferente de continuar a ser o que tenho sido até aqui, mas com mais ação. A mudança pode ser boa para mim, pode ajudar a trazer algumas memórias de volta. A emoção estimula os químicos do cérebro, não é verdade? O sexo faz o mesmo, ou pelo menos foi o que ouvi o Gage dizer.

Pensar em sexo faz surgir de imediato uma imagem do Mori na minha cabeça. Grande como ele é, imagino como serão as dimensões do seu material. Não devia estar a pensar nos músculos dele ou naquele olhar firme que me penetra constantemente. O único cortisol que ele libertaria seria graças ao stress. Não consigo imaginar um mundo em que nós...

Abano a cabeça, sentindo um calor apoderar-se das minhas faces quando penso nele a tocar-me, as suas mãos calejadas descendo pela minha barriga e para baixo da minha cintura. Céus, *para de pensar nisso*. Mudo de posição na cadeira e recupero a concentração. No que diz respeito à missão, e ao facto de ser letal, não tenho nada a perder, ninguém que me chore. A verdade é que já fui tecnicamente declarada morta para o mundo lá em cima.

Por isso, o que importa se eu morrer?

Sinto um olhar fixo em mim e olho de relance para o Mori. Ainda tem o queixo apoiado na palma da mão, mantendo o olhar firme em mim. Há uma suavidade algures naqueles olhos destituídos de emoção, mas ele insiste em manter uma parede de gelo entre nós. Os olhos dele desviam-se para o meu cabelo, preso num coque frouxo. Franze o nariz de desdém antes de voltar a atenção para o Erik e o Bridger.

Então, agora tem problemas com a forma como penteio o cabelo?

— Mori, tu e a Morphine serão os primeiros a entrar no território. Contamos com vocês para causarem comoção e atrairem o máximo de guardas possível. Entregarei instruções detalhadas a todos depois de terminarmos a reunião. Devem começar a preparar-se de imediato. Temos apenas uma semana antes de partirmos — anuncia o capitão Bridger, olhando para alguns de nós mais do que para os outros.

Não me surpreende que sejamos os primeiros a ir. Somos os dois soldados mais instáveis de que dispõem. Eu também nos enviaria em primeiro lugar.

O Nolan entrelaça os dedos e começa a falar.

— Num outro registo, vamos iniciar os testes da próxima série de drogas de capacitação. Mais alguém para as tomar, além do Mori? — pergunta numa voz suave, que mesmo assim soa como a de uma serpente. Há algo no Nolan que me transmite uma sensação de podridão. É possível que seja a falta de humanidade no seu olhar. A forma como nos considera apenas armas prontas a disparar.

No entanto, parece-me mais do que isso. Talvez uma memória do que conheci dele nas Provas do Subterrâneo. É um homem feito de mentiras. Não tenho nada que prove essa crença, além de uma sensação instintiva. Uma sensação na qual confio.

Mas quando se trata de drogas experimentais, tenho experiência pessoal das vantagens de as tomar. O Mori é a prova viva disso. A nova série será baseada nos progressos que fizeram com ele, pelo que deve ser mais segura, não?

Levanto a mão. O sorriso do Nolan é vazio e ganancioso.

— Excelente — murmura. — Vou roubar-te por um instante, depois do briefing.

O Mori crava em mim um olhar furioso. Consigo sentir os seus olhos abrirem buracos na minha cabeça e ouço como inspira profundamente.

Os outros têm medo das consequências. Ainda podem aspirar à liberdade.

Eu não tenho nada.

Não sou nada.

E o que pode ser mais divertido do que fazer as coisas que os outros têm medo de fazer?

CAPÍTULO 3

CAMERON

Em que raio está ela a pensar?

Sou obrigado a conter a torrente de palavras que quero usar e a vontade de a abanar até lhe meter juízo na cabeça. Em vez disso, cerro os punhos e os maxilares. Ela tornou-se tão imprevisível que há poucas coisas que posso fazer para a manter segura. Se começar a tomar a porcaria dos comprimidos... a porcaria das injeções... *Não*.

Passa-me pela cabeça uma imagem do seu corpo frio e sem vida, o que me arrepia até aos ossos. Se as drogas não a matarem de imediato, acabarão por fazê-lo a longo prazo. Eu já estou condenado a uma vida curta por causa delas, porque não me atribuo outro valor além de servir as Dark Forces. Bem, pelo menos foi assim até a conhecer.

Ela é tudo o que perdi em mim.

Continua a ser. Talvez mais. Agora que os seus traumas passados já não a afetam, é como uma traça que voa com as asas queimadas. Por mais que se aproxime do lume, a sua curiosidade não para de aumentar. Consigo perceber que quer continuar a testar os limites.

Os olhares ardentes que lança na minha direção quando pensa que não estou a ver não passam despercebidos. Mas ela não

precisa da minha atenção, e sim de que eu me mantenha bem longe dela.

Sei que a ajudaria se fosse mais cruel do que já sou, mas dou por mim a desejar afastar-lhe o cabelo do rosto quando tem pesadelos, a querer puxá-la para mim e deixar que o seu aroma floral me invada os sentidos como antes. O meu conforto. A minha única casa. Será que sonha com o seu passado? Com as coisas horríveis que fez por causa da sua linhagem?

O sangue dos Mavestelli é mais espesso do que o da maioria. Sei que, no fundo, ela se lembra, e que os horrores começam a libertar-se dentro de si. Uso todo o meu controlo para continuar encostado à parede enquanto a vejo dar voltas durante o sono.

Detesto não poder confortá-la. Detesto que ela já não entre no cabelo. Detesto que tenha sido *eu* a fazer isto. Que a culpa seja minha.

A Emery fica na sala quando o briefing termina, mantendo-se junto à porta enquanto espera que o Nolan termine a conversa com o Bridger e o Erik.

— Isto é uma merda — observa o Kayden, espreguiçando-se com os braços atrás da cabeça. — Pensava eu que nos dariam uma missão do caraças, como a que deram ao Warsaw. Sabias que vão ser enviados para Tóquio? Chateia-me que fiquem com todas as cidades fixas, enquanto nós somos sempre enviados para a tundra ou para o deserto.

— Dá-te por satisfeito por não se livrarem desse teu couro queixinhas — resmungo. — Soube que o pessoal do Riøt está aborrecido de morte e precisa de um soldado para caçar — brinco, mas ela não acha piada.

— Pois, claro. Se tivessem de encomendar o fim de alguém, seria o do Thomas. Em que raio estavas a pensar para falares daquela maneira? — censura-o o Kayden.

O Thomas limita-se a encolher os ombros.

— Porque me hei de preocupar com ser assassinado, quando nos vão limpar o sebo nesta missão de escolta? — responde.

Credo. Alguém está maldisposto.

— Vai correr bem — intervém o Gage, juntando-se à conversa e cruzando os braços numa demonstração de nervos.

É relativamente novo no grupo, quando comparado comigo e com o Thomas. Somos os únicos que restam do Esquadrão Fury original. Ninguém dura muito aqui. É um facto bem sabido. Mesmo estando o tenente Erik nas Dark Forces há pelo menos alguns anos, só assumiu a liderança temporária do esquadrão há seis meses, uma vez que o último sargento foi morto numa missão. Nenhum dos nossos anteriores sargentos durou muito, geralmente entre seis meses e dois anos. Deixei de me lembrar dos seus nomes.

Tenho a certeza de que rapidamente encontrarão um substituto e o Erik voltará aos seus deveres de oficial. Já cumpriu o seu tempo como sargento de esquadrão. Normalmente, costuma trabalhar em projetos maiores com o Nolan e o capitão.

— Já leste as instruções da missão, Mori? — pergunta o Thomas, mudando de assunto.

Ele sabe que não li. Não gosto de o fazer até os nossos superiores não estarem presentes para ver. Já sou observado como um rato de laboratório, e quero alguma paz quando leio planos de missão. Ao menos permitem que lhes façamos algumas alterações, tomando certas liberdades de acordo com as nossas competências.

— Dou-lhes uma vista de olhos mais tarde — respondo com a voz rouca, pegando no meu isqueiro e acendendo um cigarro. Dirigem-me um olhar inexpressivo, mas faço sinal com a cabeça para que se vão embora sem mim. — Vou ficar um pouco.

— Claro que vais — troça o Kayden. O Gage dá-lhe um pequeno encontrão em jeito de aprovação.

Ignoro-os, puxando uma longa passa do cigarro enquanto os vejo sair. A Emery continua junto à porta e os nossos olhos encontram-se. Desta vez não desvia o olhar. Parece sentir-se destemida hoje, desafiando-me a cada oportunidade. Um pequeno sorriso forma-se-me no canto da boca, mas contenho-o rapidamente antes de meter o cigarro entre os lábios e avançar na direção dela.

A Emery fica visivelmente rígida quando me aproximo. Sinceramente, meter-me com ela é demasiado divertido para que não o faça.

O fumo rodopia no ar quando a cinza cai do meu cigarro. Detenho-me perto dela e apoio-me na mesa, de frente para a Emery e de costas para os três oficiais que conversam atrás de mim.

Tem os olhos avermelhados, o que lhe dá um ar incrivelmente cansado. Teve uma noite de sono inquieto, e isso também tem o seu peso em mim. Às vezes pergunto-me se a sua mente não estará a fazer pressão sobre ela, dizendo-lhe que deve voltar para mim. Resta-me alimentar a esperança. Não sei porque é que ela se esforçaria tanto para me conhecer se não fosse esse o caso. O meu anseio é ceder ao desejo e saudade que sinto por ela.

— O que queres? — pergunta secamente, atraindo de novo a minha atenção.

Não me curvo para ficar à sua altura, pelo que a olho de cima com um olhar preguiçoso.

— Tenho de querer alguma coisa? Somos parceiros, não somos? — pergunto, puxando outra longa passa e deixando o fumo queimar-me os pulmões.

A Emery estuda-me durante um longo instante antes de perguntar em voz baixa:

— Porque me guardas tanto ressentimento?

Levanto uma sobrançelha. Não esperava que ela dissesse tal coisa.

— O que te leva a pensar isso? — respondo, deixando que a dor que me cresce no peito me engula por completo. Como é cruel esta vida, que me roubou a única coisa com que alguma vez me importei.

— Ignoras-me sempre que tens oportunidade — responde, depois de soltar um suspiro e abanar a cabeça. — Recusas-te a ajudar-me a lembrar do que quer que seja das provas. Não passas...

— De um idiota? — interrompo, pensativamente.

Ela semicerra os olhos e ali encontro um lampejo do seu espírito. O que me delicia.

— Sim — responde, desviando ostensivamente o olhar quando o Erik e o Bridger trocam despedidas.

— Não devias tomar as drogas — continuo, tomando-a pelo braço antes que possa ir até junto do Nolan.

— Porque não? — Os seus grandes olhos castanhos sobem ao encontro dos meus. — Tu tomas.

— Porque não é algo que farias antes. — A minha desculpa soa a tanga, mas não sei que mais dizer para que ela dê ouvidos ao meu aviso. — Encurtam a vida, e ainda tens uma vida bem longa pela frente.

Um clarão perpassa-lhe o olhar e os seus lábios abrem-se num breve sorriso. O primeiro sorriso genuíno desde que perdeu a memória. O meu coração para e perco o curso do meu pensamento por um instante. Ela aproveita-se disso.

— Cuidado. Pareces alguém que se preocupa realmente comigo. — As suas palavras atingem-me. O olhar suave da Em percorre as minhas feições. Sinto-me faminto pela sua atenção. Ávido de que ela me observe com um desejo tão grande como o que sinto por ela. — Decerto ninguém se importaria se eu roubasse alguns anos da minha vida.

Engulo o nó que sinto na garganta.

Eu importar-me-ia.

Ela dirige-me um olhar inexpressivo por um instante, antes de pousar a mão na minha e a fazer deslizar lentamente pelo seu braço até eu a largar.

O Nolan para junto de nós quando o capitão e o Erik saem.

— Preparada, Morphine? — Parece ansioso, e provoca-me náuseas que ele já esteja desejoso pela sua próxima cobaia. Eu sobrevivi este tempo todo, mas não posso dizer se o mesmo sucederá com ela.

Não deixei que me visse a sangrar do nariz, ou que percebesse como a minha mente está fragmentada. Ela não sabe como posso ser mau. Na verdade, é mais correto dizer que não se lembra. Não teve de ver os outros, como eu vi. Foram muitos os soldados que

morreram devido aos comprimidos experimentais. A nova droga desenvolvida a partir dos resultados dos meus testes terá certamente uma taxa de viabilidade mais elevada, mas não consigo deixar de detestar isto.

Ela acena afirmativamente ao Nolan e não volta a olhar para mim quando o segue para fora da sala.

Dou um passo em frente, com a intenção de a obrigar a dar ouvidos à razão, mas detenho-me e mordo o lábio inferior quando a porta se fecha nas costas deles.

Sozinho. Em tempos, foi pacífico passar tempo na minha solidão.

Como é que aquela mulher tão pequenina conseguiu mudar isso?

«TU NÃO TE LEMBRAS DE MIM. MAS EU NÃO CONSIGO ESQUECER-TE.»

Um mês depois de ter sobrevivido às Provas do Subterrâneo, Emery Maves está a viver num mundo que não reconhece, junto a Mori, um homem com um olhar frio e assombrado por segredos dos quais ela não se recorda. Despojada das suas memórias, Emery vive atormentada por sonhos de perigo, morte e engano. A sua única constante é o engodo do medicamento experimental que lhe destroça a mente mas a torna quase invencível, bem como a perigosa atração que a puxa para Mori.

Cameron Mortem está a travar uma batalha que julgava já perdida. A amnésia de Emery é uma maldição que nenhum deles consegue ignorar, mas, obrigados a unir forças numa perigosa missão que corre mal, acabam nas profundezas do submundo do mercado negro com um inesperado adversário. À medida que se abrem cicatrizes antigas e se revelam tramas escondidas, Emery descobre que está mais enredada naquele mundo do que imaginava. E Cameron terá de enfrentar a pessoa que mais teme: ele próprio.

Haverá lealdades testadas e segredos transformados em armas. O laço que os une poderá ser a única coisa capaz de os salvar. Se eles não se perderem primeiro...



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-785-8



9 789895 897858